

Revisitando saberes e práticas do currículo humanista

Revisiting knowledge and practices of humanist curriculum

Adriana Madja dos Santos Feitosa¹

Idevaldo da Silva Bodião²

RESUMO

Este artigo, sobre as práticas da orientação curricular humanista recorre a História Nova e a Teoria Crítica do Currículo, como bases teórico-metodológicas na análise aqui apresentada. O texto reafirma compreensões que as práticas curriculares sofrem influências de condicionantes sociais e culturais peculiares de cada época, donde decorrem os diferentes conceitos e concepções pedagógicas. A orientação humanista, originária do humanismo clássico, durante milênios foi referência dos debates e elaborações em matéria educativa, evoluindo, na modernidade, ao se agregar ao pensamento humanista/renascentista, o que lhe permitiu chegar aos nossos dias ao se associar, posteriormente, ao pensamento científico inerente à modernidade industrial. Parte dos seus saberes e práticas representam concepções que conseguiram se manter, apesar das mudanças que são visíveis: são exemplos conceitos tais como “classes de alunos”, “matérias escolares”, “disciplina”, “colégios” e “graus de ensino”. De modo geral, é possível afirmar que o legado humanista foi modelo para a organização do ensino primário do século XIX e encontra-se presente até hoje no ambiente escolar.

Palavras-chave: Currículo. Orientação humanista. História da escola primária.

ABSTRACT

This article, one about the practice of the humanist curricular orientation, uses the New History and the Critical Theory of Curriculum as theoretical and methodological basis in the analysis here presented. The article reaffirms

¹Mestre em Educação Brasileira. Profa. da Secretaria de Educação - Ceará - E-mail: dricamadja@bol.com.br

² Doutor em Educação - Professor da Faculdade de Educação da Universidade da Universidade Federal do Ceará - UFC. E-mail: idbodiao@uol.com.br

comprehensions that the curricular practice are under the influence of social and cultural elements that are peculiar to each time, creating different pedagogical concepts and notions. The humanist orientation, come from the classic humanism, for millenniums was the reference in debates and elaborations about education, evolving, during modernity, by joining the Humanist and Renaissance train of thought, which allowed it to come to our days by joining the scientific thoughts inherent to the industrial modernity. A part of your knowledge and practice represent conceptions that could be held together, even through the visible changes, such as: “class of students”, “scholar subjects”, “discipline”, “schools” and “teaching levels”. In a whole, it’s possible to affirm that the humanist legacy was a model to the organization for the elementary teaching of the XIX century and it’s present nowadays in the scholar environment.

Keywords: Curriculum. Humanistic orientation. Elementary school.

Introdução

O estudo sobre os saberes e as práticas da orientação curricular humanista é fruto de pesquisa realizada sobre a organização do ensino na época provincial do Ceará. A intenção em rastrear a evolução dessa orientação, em especial, do seu período mais recente, decorre da necessidade de procurar compreender suas influências diretas na organização do ensino e formação docente dos anos oitocentos do século XIX.

À medida em que se aprofunda nas pesquisas, teórica e de campo, sobre currículo, percebe-se que as ideias e as práticas curriculares antecederam o campo teórico educacional, como ele foi definido a partir da primeira metade do século XX, principalmente nos Estados Unidos. Análises sobre a evolução institucional da escola, elaboradas, por exemplo, por Cambi (1999), Petitat (1994), Goodson (1995) e Hamilton (2002), mostram que as temáticas curriculares tais como: classes de alunos, matérias escolares, disciplina, colégios e graus de ensino estão presentes desde o século XVI na cultura escolar ocidental. Os documentos escolares da Província do Ceará,

colhidos entre leis educacionais, regulamentos da instrução pública, regimentos de escolas públicas, relatórios provinciais, narrativas literárias, registros jornalísticos, ofícios de professores, inventários escolares, livros-textos, provas de alunos e exames de professores como fontes primárias de consulta ajudam a revelar práticas curriculares (intenções e ações) desenvolvidas na escola primária provincial no Ceará.

As primeiras evidências que se mostraram sobre os conhecimentos e a organização do ensino pareciam indicar que a origem recente do campo curricular não poderia ser um empecilho para reflexões teóricas sobre as referidas práticas, intenção deste trabalho.

Ao mesmo tempo, à luz de teóricos da História Nova, é possível compreender que a história não é constituída de eventos que se sucedem e nem de vestígios descobertos em arquivos e bibliotecas; a compreensão da história, na visão dos Annales, é evolução, na perspectiva de progresso construído, simultâneo, móvel e singular, não linear (REIS, 2000). Nesse sentido, os estudos aqui empreendidos nos fizeram reconhecer, nos discursos e nas práticas da organização do ensino, temáticas permanentes do ambiente escolar, mesmo que em tempos e contextos distintos.

Nas análises da organização curricular, este estudo orienta-se nos fundamentos teóricos da perspectiva crítica de Sacristán (1998; 2000), Silva (2005), Apple (2006) e Goodson (1995), autores que situam o campo curricular na perspectiva das análises processuais, percepção que se supera os estudos tradicionais que examinam esse conhecimento como produto final e, supostamente, neutro.

É a partir desses parâmetros que esse texto pretende revisitar as principais características da orientação curricular humanista do período considerado, focando, nesse exame, sua evolução no pensamento pedagógico e da instituição escolar moderna.

2 Currículo: um termo com múltiplos significados e teorias

Não é simples compreender o sentido de currículo, uma vez que o termo apresenta múltiplos e distintos significados, em diferentes contextos sócio culturais; essa diversidade de terminologias oferece um leque de possibilidades à compreensão de seu conceito.

Currículo se refere aos planos de estudo ou programas curriculares do curso, segundo as etimologias francesa, espanhola e portuguesa. Todavia, curriculum tem significado mais amplo na língua inglesa, por referir-se a “[...] um percurso educacional, um conjunto contínuo de situações de aprendizagem às quais um indivíduo vê-se exposto ao longo de um dado período, no contexto de uma instituição de educação formal” (FORQUIN, 1993, p. 22).

As diversas concepções de currículo são resultantes de distintas abordagens, próprias de diferentes contextos; assim, o termo pode se referir a inúmeras práticas e significados do ambiente escolar e do trabalho docente, ao mesmo tempo em que, não o impede de outros entendimentos, em outras situações historicamente delimitadas (SACRISTÁN, 2000). Berticelli (1998), sustenta ponto de vista semelhante, ao, partindo do pressuposto de que o currículo é construção, afirmar

[...]subentende-se que as várias formas que assume obedecem a discursividades diferentes, em que habitam filosofias resultantes de intencionalidades que o produzem, nos diversos tempos e nos mais diferentes lugares”. (BERTICELLI, 1998, p. 159).

Nesse sentido, as práticas das relações escolares e sociais que foram sendo construídas historicamente e, por isso mesmo, foram incorporando diferentes termos, significados e intenções, produziram uma cultura própria do ambiente escolar; considerando as marcas dessa cultura, é possível afirmar que bem anterior ao tecnicismo, o conhecimento educacional já apresentava algumas das características que hoje atribuímos ao campo curricular. Silva (2005)

reflete sobre a questão e conclui que “[...] as professoras e professores de todas as épocas e lugares sempre estiveram envolvidos, de uma forma ou outra, com o currículo, antes mesmo do surgimento de uma palavra especializada como currículo”. (SILVA, 2005, p. 21).

Principalmente a partir da primeira metade do século XX, o currículo passa a se referenciar nos atributos do conhecimento científico-teórico, fomentados pelo discurso que sustentava o modelo da modernidade industrial, então, nascente; seu conteúdo, nesse contexto, passa a integrar os pressupostos do desenvolvimento econômico e sua necessidade de massificação da escola (SACRISTÁN, 2000; SILVA, 2005).

No sentido de conhecimento científico-teórico, o currículo é uma construção recente na história da educação, sua origem se dá na sociedade norte-americana, com a publicação de *The Curriculum*, de Bobbitt (1918). O marco expressa a dicotomia entre teoria e prática, herdada dos organogramas administrativo-industriais, própria da gestão tecno-científica taylorista, transposta para a organização curricular.

No Brasil, a teorização sobre currículo tem origem, mais ou menos à mesma época, período em que ocorrem importantes mudanças nos campos social, econômico e cultural, impulsionadas pelo acelerado processo de urbanização e industrialização, pelas ideias modernistas no campo das artes e, no campo educacional, pelo movimento de reformas desencadeado pelos pioneiros da educação (MOREIRA, 1995).

As diferentes concepções do termo currículo indicam, também, que as práticas curriculares são construções históricas e recebem as influências de condicionamentos sociais e culturais ajustando-se aos saberes de cada época (BERTICELLI, 1998); seus modelos teóricos são decorrentes da evolução do pensamento pedagógico e da instituição escolar que constituem tempos e espaços, materiais de ensino e funções pedagógicas que vão sendo reformuladas e recriadas, em cada época, em cada local.

É importante ressaltar, com Berticelli (1995), que, “[...] em qualquer acepção que se tome o currículo, sempre se está comprometido com algum tipo de poder. Não há neutralidade nessa opção”. (BERTICELLI, 1995, p. 165).

Atentos às diversas influências sociais e culturais que o termo currículo recebe ao longo da história, organiza-se uma síntese das diferentes teorias curriculares, levando-se em conta suas origens e evoluções. Essa opção pela análise evolutiva não impõe linearidade de abordagem, pois entende-se que as orientações se entrecruzam e se relacionam em diferentes tempos e modelos escolares; é o caso, por exemplo, dos legados da orientação humanista ainda considerada ponto de referência de práticas escolares contemporâneas (CAMBI, 1999). Suas orientações fixam concepções e modelos centrais para a compreensão da história da cultura escolar atual; suas características mantêm os princípios da valorização dos conhecimentos universais produzidos pela cultura ocidental, o dualismo entre o trabalho intelectual e o manual e o modelo elitista de escola.

À medida que o processo de industrialização se consolida, próximo aos 1900, emerge a escola para proporcionar às massas populares o ensino técnico necessário à estrutura de produção capitalista e ao desenvolvimento de Estados-Nações. Nesse contexto, emergem as concepções e práticas da orientação tecnicista, conforme a lógica da hierarquização de tarefas na linha de produção taylorista. Seus conteúdos estabelecem, no ambiente escolar, práticas e terminologias especializadas, separando momentos de teoria, restritos a técnicos e profissionais qualificados, da prática, ensino e avaliação interna, de competência dos profissionais da escola. Essa orientação institui, na organização do ensino, os graus, os padrões de currículo, os objetivos de ensino e aprendizagem, para maior racionalização e controle da escola (SACRISTÁN, 1998; 2000).

Emerge, também, no contexto das primeiras décadas do século XX, a filosofia pragmática do norte-americano John Dewey que sistematiza, com outros teóricos modernos da educação e da psicologia, a orientação da pedagogia ativa. Essa corrente propõe

um fazer pedagógico diferenciado de orientações humanistas e tecnicistas, ao criticar o ensino formalista, disciplinar, abstrato, sem base na ação; os teóricos dessa proposta advogam, como abordagem educativas contra a sociedade industrial e tecnológica, a democratização de saberes e conhecimentos produzidos, elementos que motivariam suas participações como cidadãos plenos na vida social e política de seus tempos.

As orientações curriculares humanistas, tecnicistas e da pedagogia ativa são contestadas nos movimentos de reconceptualização do currículo e da Nova Sociologia da Educação (SILVA, 2005; FORQUIN, 1993); do ponto de vista teórico, reorganiza-se o campo curricular, dividindo-o em dois grupos, o das teorias tradicionais (Humanista, Tecnicista e Pedagogia Ativa) e o das teorias críticas. Estas últimas reformulam a concepção do currículo, ampliando o seu campo nos estudos educacionais; de acordo com o debate proposto a partir das teorias críticas, o que era entendido como currículo nas perspectivas tradicionais era, precisamente, o que deveria ser questionado e criticado (SILVA, 2005).

3 Orientação humanista e a cultura escolar moderna

Neste tópico, o estudo propõe apresentar, de forma sintética e objetiva, a teoria humanista a partir da renovação decorrente do renascimento moderno do século XV; essa opção, conforme já indicado anteriormente, advém da necessidade de perscrutar os seus legados para a escola primária dos anos oitocentos, no Ceará.

É possível identificar, no século XV, inovações, tanto no formato pedagógico, quanto no institucional escolar que vão ser revitalizados e aplicados, posteriormente, nos séculos XIX e XX.

La larguísima pervivencia de la noción de *studia humanitatis*, forjada en siglo XV por filólogos renovadores de península italiana (y elaborada contra el sistema medieval de artes) há ocultado las remodelaciones constantes de que há sido objeto em cada período de la história. (JULIA, 2000, p. 47).

Com o advento da modernidade, são restabelecidos novos códigos culturais e funções para as instituições sociais que passam a se reorganizar para atender os impositivos do novo contexto histórico.

A orientação humanista fixou teorias e modelos que foram pontos de referência de debates e elaborações em matéria educativa, em diferentes momentos históricos (CAMBI, 1999). Mudando a forma natural originária do humanismo clássico, incorpora à formação cristã e à filosofia medieval predominante outro elemento, a escolástica; na modernidade evolui, ao agregar-se ao pensamento humanista/renascentista e chega aos nossos dias associando-se ao pensamento científico, característico da modernidade industrial.

O itinerário moderno não é único nem uniforme e nele se entrecruzam as velhas vivências e as inovações; assim, vários modelos escolares convivem, se complementam e se contrapõem. Como exemplos, podemos citar a criação da escola religiosa de Lutero, símbolo da Reforma Protestante, os colégios jesuíticos da Contra-Reforma e as escolas estatais, próprios de uma nova concepção de nação.

A multiplicidade de saberes e práticas renovam a escola e também restituem modelos formativos antigos. Destaca-se, neste cenário, a obra de Jan Amos Comenius, que apresenta um modelo formativo baseado nos princípios antropológicos da paideia humanista greco-romana e na ideia de organização gradual do ensino em níveis de conhecimentos.

3.1 Pensamentos e Práticas da Orientação Humanista

A evolução da escola medieval-escolástica para outros formatos organizativos se deu em contextos e momentos diversos, com características próprias da nova cultura moderna, que se organiza, sobretudo, em torno dos processos de civilidade, principalmente, na primeira fase, de racionalização e de institucionalização (CAMBI, 1999). Os processos são idealizados e legitimados por saberes e práticas que vão emergindo em diversos espaços institucionais, entre os quais, o escolar.

Segundo Hamilton (2002), nos primórdios da escolaridade moderna aparecem novos vocábulos da cultura escolar; entre 1500 e 1613, aproximadamente, afloram novas terminologias, tais como “programa”, “classe”, “currículo” e “didática”, por exemplo (no quadro I, do anexo A, são apresentados os períodos de suas ocorrências).

Para o autor, termos como classe e currículo entram no vocabulário educacional a partir dos séculos XVI e XVII, através dos colégios e universidades; Goodson (apud HAMILTON, 1995, p. 32) o reafirma, ao dizer “[...] o conceito de classe ganhou proeminência com o surgimento de programas sequenciais de estudo que, por seu turno, refletiam diversos sentimentos de mobilidade ascendente da Renascença e da Reforma”.

Os espaços educativos dos colégios mudaram, de modo significativo, a organização do ensino; os colégios do século XVI são, sobretudo, espaços educativos derivados de faculdades de artes medievais e das disputas entre as congregações protestantes e católicas. Esses novos ambientes imprimem transformações no espaço-tempo e na pedagogia escolar, marcando a ruptura definitiva entre a escola medieval e a moderna. A esse respeito, Petitat (1994) afirma

Os colégios introduzem um novo tipo de atividades escolares baseadas na graduação dos programas, na separação em classes sucessivas, na avaliação regular dos conteúdos adquiridos, no emprego do tempo subdividido e controlado, etc. (PETITAT, 1994, p. 90).

Os Colégios da Reforma Protestante, movimento político-religioso iniciado por Martinho Lutero, na Alemanha, nos primeiros decênios do século XVI, postulam novas dimensões pedagógicas à formação do homem, inspiradas na cultura clássica. Ideólogo da “Reforma”, Lutero contribuiu com um modelo de escola sustentada no humanismo universal, como caminho para que todos os homens pudessem cumprir seus deveres sociais.

A escola luterana define o seguinte elenco de estudos, na definição dos balisamentos de consolidação dos seus alunos: as lín-

guas, antigas e nacionais, divididas em quatro áreas (latim, grego, hebraico e alemão), as obras literárias (pagãs e cristãs), as ciências e as artes, a jurisprudência e a medicina. O tempo escolar era limitado a uma ou duas horas diárias, sendo o restante do tempo dedicado ao trabalho em casa e à aprendizagem de ofícios. Segundo esse modelo, as escolas deveriam ter espaços adequados ao desenvolvimento de suas atividades, além de bibliotecas; os mestres estavam no centro da vida escolar devendo, em suas práticas, buscar o equilíbrio entre a severidade e o amor.

A Reforma Protestante impulsina renovações das funções educativa e missionária da Igreja Católica, definidas no Concílio de Trento, por outro lado, pressões políticas dirigidas à Roma, principalmente da parte das cortes dos “reis católicos” origina o movimento da “Contra-Reforma”.

Fundado por Inácio de Loiola, a Companhia de Jesus é uma milícia, com estrutura rígida e hierárquica, que opera a serviço da Igreja de Roma (CAMBI, 1999); ela é parte desse movimento da ‘Contra-Reforma’ que objetiva conter a expansão protestante, ao mesmo tempo em que difunde o catolicismo para os povos não-cristãos da Ásia, das Américas e da África.

À medida que se ampliam as fronteiras geográficas do projeto educativo jesuítico, urge a necessidade de unificação das suas práticas administrativas e técnico-pedagógicas, o que é feito pelo *Ratio Studiorum*, um documento de trinta capítulos que retoma e reelabora as condições pedagógicas contidas nas constituições da Companhia de Jesus para todos os colégios jesuíticos. Para Cambi (1999) é constituído

[...] por uma rígida norma que abrange toda a organização da vida do colégio e dos estudos: desde as funções dirigentes do provincial e do reitor, até as disposições relativas aos professores e aos estudantes dos vários cursos de estudo e às várias disciplinas ensinadas. (CAMBI, 1999, p. 261).

O *Ratio* delinea, de maneira precisa, a organização do

currículo e a rotina educativa dos colégios. Os estudos duravam cerca de oito anos; os primeiros cinco adquiriam-se os conhecimentos linguísticos e literários, assim divididos: três anos de gramática e dois de humanidades e retórica. Nos últimos três anos estudava-se filosofia e, para os internos, acrescentava-se um curso de quatro anos de teologia. Os cursos eram articulados e os programas organizados gradualmente, numa hierarquia da menor para maior escala de saber. O currículo aplicado inspira-se nos conteúdos clássicos e nas línguas latina, grega e materna.

Na prática didática do *Ratio*, nos colégios, adotavam-se os métodos da *praelectio* e da *concertatio*, que eram aplicados aos estudos literários, científicos, filosóficos ou teológicos. A *praelectio* constava da leitura de textos nas seguintes fases: leitura sem interrupção, explicação do sentido das partes mais obscuras, conexões das partes do texto e observações, sobre o texto, adequadas a cada uma das classes. A *concertatio*, por sua vez, consistia na disputa, suscitada pela pergunta do docente, e pelas correções dos concorrentes ou pela interrogação recíproca dos próprios concorrentes, usadas para motivar os estudos (CAMBI, 1999).

O êxito da formação dos jesuítas está associado, em especial, ao currículo articulado e coerente e à disciplina rigorosa do projeto educativo; os limites, por seu turno, são evidentes em dois pontos: na ênfase à disciplina e na obediência que o projeto formativo impõe às concepções originais. O modelo teve grande influência sobre os costumes da época, sem, no entanto, conseguir se renovar de forma a atender as novas demandas educativas que mundo moderno foi apresentando.

A escola moderna e a organização de ensino, mais ou menos como os conhecemos, nasceram de diferentes modelos resultantes de tratados pedagógicos desse período, dentre os quais se destaca o de Jan Amos Comenius, um dos maiores pedagogos do século XVII; ele trata da educação individual, prática e antienciclopédica.

Nessa concepção está presente o método Pansófico, ou cíclico, pelo qual se ensina a totalidade do saber em diversas fases

e graus da trajetória escolar; por essa proposta ensinam-se os mesmos conhecimentos, gradual e progressivamente, em modalidades diversas de cada fase. Para o autor, o homem deve conhecer tudo, não pelo modelo enciclopédico, senão pela organização sistemática e linear dos conteúdos, das disciplinas mais simples para as mais complexas.

A proposta de organização escolar de Comenius, bastante inovadora, estava articulada em quatro graus sucessivos, a saber: o Maternal, a Vernácula, o Ginásio e a Academia (seus objetivos, conteúdos e a descrição dos métodos estão apresentados no quadro II, no anexo B).

Essa concepção pedagógica reavivava o modelo de escola fundamentada nos conhecimentos dos clássicos, avançando no ensino mais sistemático e racional, ao criar articulação entre conteúdos, graus e classes escolares; na interpretação de Cambi (1999, p. 289) “[...] é justamente esse binômio tradição-inovação que representa o aspecto originário e significativo do pensamento pedagógico de Comenius”.

Somente com a escola popular europeia, no século XIX, as terminologias humanistas integram-se na organização da escola elementar. Os termos resultam da função emergente que assume o currículo, de padronização e organização do controle social. Nesse período é predominante o modelo de currículo sequenciado e prescritivo, associado à pedagogia organizada para as classes escolares. Essa estrutura muda somente no final desse século, e nas primeiras décadas do século XX, quando, de fato, se dá a passagem do sistema de classes para a seriação, organizada em salas de aula compostas por alunos da mesma idade, alterações que transformam, substantivamente, o ambiente escolar, o ordenamento espacial e a sequência temporal das aprendizagens no ambiente escolar.

Cambi (1999) aponta três aspectos presentes na ruptura entre a escola humanista e a moderna: o primeiro se refere à instituição de salas de aulas e de classes ordenadas, considerando-se a idade; o segundo está relacionado com o crescente tecnicismo que associa o

ensino e a aprendizagem, efetivado, cada vez mais, por meio de regras e objetivos passíveis de mensurações e avaliações e, finalmente, a ideologia de costumes e normas que torna o homem cada vez mais civilizado, segundo parâmetros europeus, é bom que se frise, tornando-o mais dependente da vida em sociedade.

4 Considerações finais

A revisão das práticas humanistas modernas nos ajuda a compreender que o conceito de currículo não se elabora e nem se consoma em um meio abstrato, à margem do sistema educativo; seus saberes são construções históricas que ocorrem nos espaços escolares, regidos pela cronologia das práticas escolares que, por sua vez, vinculam-se aos desígnios das forças econômicas e sociais. Dessa forma, as concepções teóricas estão, sempre, impregnadas pelas influências pedagógicas e pelos conhecimentos sociais e culturais inerentes a cada época.

As ideias e práticas curriculares humanistas desenvolvidas nos ambientes dos colégios modernos, a partir do século XV, reafirmam a noção que os conhecimentos curriculares são construções históricas e que eles foram evoluindo, à medida que ia se formando aquilo que hoje chamamos de escola moderna. Suas orientações não foram, simplesmente, suprimidas no tempo e do espaço escolares, pelo contrário, o dinamismo as reformulou, quando elas se associaram às novas linguagens e aos códigos culturais dos novos contextos políticos, econômicos, sociais e culturais dos diferentes períodos que se seguiram. Suas marcas mantêm os princípios da valorização dos conhecimentos universais produzidos pela humanidade ocidental, o dualismo entre o trabalho intelectual e o manual e o modelo de escola da elite, identificadas nos múltiplos e variados formatos, da paideia clássica dos gregos até a pedagogia de Comenius.

Ainda que o modelo da escola humanista seja criticado pelos teóricos, progressistas e tecnólogos, defensores de modelos de superação do ensino clássico e dos colégios humanistas, considerados

obsoletos pela sociedade que se firma com a industrialização e urbanização no século XX, é preciso sublinhar o papel relevante da orientação humanista para a história da cultura escolar, já que seus pensamentos e práticas foram referências para debates e, principalmente, nas construções de novas elaborações educativas ao longo de milênios, uma presença de que não se pode desconhecer, se quisermos entender como as vivências escolares, como as praticamos hoje, se tornaram naquilo que, efetivamente, o são.

Referências

APPLE, Michael W. **Ideologia e currículo**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

BERTICELLI, Ireno Antonio. Currículo: tendências e filosofia. In: COSTA, Marisa Vorraber (Org.). **O Currículo nos limiares do contemporâneo**. Rio de Janeiro: DP&A, 1998, p. 159-176.

CAMBI, Franco. **História da pedagogia**. São Paulo: UNESPE, 1999.

FORQUIN, Jean Claude. **Escola e cultura**: as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

GOODSON, Ivor F. **Currículo**: teoria e história. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1995.

HAMILTON, David. O revivescimento da aprendizagem? **Educação & sociedade**, n. 78, p.187-198. 2002.

JULÍA, Dominique. Construcción de lãs disciplinas escolares em Europa. In: RUIZ BERRIO, Julio. **La Cultura escolar de Europa**: tendências históricas emergentes. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, 2000, p. 45-78.

MOREIRA, Antonio Flavio Barbosa. **Currículos e programas no Brasil**. 2. ed. Campinas, São Paulo: Papirus, 1995.

PETITAT, André. **Produção da escola/produção da sociedade**: análise sócio-histórica de alguns momentos decisivos da evolução

escolar no ocidente. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

REIS, José Carlos. **Escola dos annales**: a inovação em história. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

SACRISTÁN, J. Gimeno; GÓMEZ Angel Pérez. **Compreender e transformar o ensino**. 4. ed. Porto Alegre: ARTMED, 1998.

_____. **O Currículo**: uma reflexão sobre a prática. 3. ed. Porto Alegre: ARTMED, 2000.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade**: uma introdução as teorias do currículo. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

ANEXO A

Quadro 1 - Origem de termos na modernidade.

TERMOS	OCORRÊNCIA
Programa	(aprox.)1500
Classe	1519
Catecismo	(aprox.) 1540
Currículo	1573

Fonte: Elaborado segundo o quadro de Hamilton (2002, p.188).

ANEXO B

Quadro 2 - Proposta de Organização Escolar de Comenius.

GRAU	ORGANIZAÇÃO CURRICULAR	OBJETIVOS
Maternal	-	Preparar o terreno da inteligência.
Escola Nacional ou Vernácula	Articulada em seis classes nas quais se aprendem a leitura, a escrita, a matemática, mas também preceitos morais e rudimentos da fé	Fazer adquirir prontidão e esbeltez para o corpo, para os sentidos, para a inteligência.
Escola de Latim ou Ginásio	Enfatiza a leitura de texto em latim.	Colocar em forma a floresta de noções recolhidas pelos sentidos para o uso mais claro do raciocínio.
Academia	-	Formação da luz plena, universal, que congrega sapiência, virtude e fé.

Fonte: Elaborado da Proposta de Organização do Ensino de Comenius, apresentada na obra *Didática Magna* (CAMBI, 1999, p. 290).